

Na
sombra
e na luz

HUGO

Novela psicografada por
ZILDA GAMA



Sumário

- 7 *IN LIMINE* (No início)
- 23 LIVRO I
Uma existência tumultuosa
- 97 LIVRO II
Na escola do Infinito
- 169 LIVRO III
O inspirado
- 233 LIVRO IV
A aliança
- 303 LIVRO V
O homem astral

LIVRO I

Uma existência
tumultuosa



CAPÍTULO I

A época precisa em que ocorreram os fatos primordiais, relatados nestas páginas de Além-túmulo, não é mister que a mencione; elucidado, entretanto, os leitores curiosos de que esta verídica e emocionante novela, na qual, por vezes, surjo como uma das personagens, se desenrolou, quase toda, no século XIX, justamente cognominado das Luzes, no qual terminei a minha última existência planetária, fértil em provações árduas que hoje, rememoradas serenamente, depois de transcorridos decênios, esbatidas pelo esfuminho mágico do tempo, me volvem à mente como fragmentos de sonho. *Tout passe...*³

Começo, porém, a dar cumprimento ao que me propus: ser o *conteur*⁴ consciencioso dos episódios enternecedores de mais uma existência de um incomparável amigo – a quem consagro o culto de imarcescível afeição – depois de me ter ele outorgado o direito de o fazer.

³ Tudo passa.

⁴ Narrador.

Achava-me na Bélgica – proscrito da França, como se fora um celerado, e, no entanto, meu grande delito, meu imperdoável crime, o único de que me acusava a consciência, era o de ter verberado o despotismo, anelando defender minha terra natal da incursão perniciosa de qualquer tirania e desejando, para conseguir o meu objetivo, imolar-lhe a própria vida, se assim fosse mister – quando me relacionei com um jovem militar patricio, que conheceu superficialmente em Paris, e que, então, em Bruxelas, desempenhava honroso cargo que lhe confiara o governo de Luís Napoleão, de quem era súdito, mas não servo. Apesar de não ignorar as minhas ideias liberais, tinha por mim admiração entusiástica e, como nos víamos com frequência e nossas habitações pouco distavam uma da outra, travamos conhecimento mais íntimo, entabulamos afetuosas palestras e o assunto predileto das nossas confabulações clandestinas era sempre a França, a pátria querida, flagelada por incessantes motins, frequentes lutas fratricidas, que a tornavam mais um campo bélico – fervilhando-lhe no seio as dissensões políticas, rastejando nos corações dos oprimidos e dos tiranos as áspides do ódio e das represálias – do que uma nação apropriada para seus filhos constituírem famílias, que pudessem viver tranquilamente, enquanto os verdadeiros patriotas laborassem por seu engrandecimento e progresso.

Desde o início de nossas relações, notei no meu distinto conterrâneo, a par de uma conversação em que transparecia a elevação dos seus sentimentos, uma visível melancolia que, muitas vezes, lhe absorvia os pensamentos, fazendo-o

parar de chofre, em plena palestra amistosa, qual se de súbito houvera irrompido em sua alma emotiva algo de doloroso, justificando-lhe angustiosamente uma secreta e pungente ideia, e, então, nos seus límpidos olhos azuis, desvendava eu o fulgor de lágrimas contidas a custo, ou a flama de um dissabor latente e inconfessável.

Certa vez, quase ao anoitecer, estando a sós no meu gabinete de meditação e trabalho, anunciaram-me a sua visita. Fi-lo entrar e convidei-o a sentar-se a meu lado. Tão intensa era a amargura que o mortificava naquele dia, dando-lhe às nobres feições uma palidez de carrara,⁵ que, com paternal interesse, fui impelido a dizer-lhe:

– Sofres, meu amigo, e, quando vejo os rapazes da tua idade assim entristecidos e agoniados, não me é muito difícil profetizar a causa desses recônditos pesares.

Meu ilustre amigo – a quem designarei pelo nome de Paulo Devarnier – corou como um petiz apanhado em alguma travessura censurável e, bruscamente, tornou a empalidecer tanto, que ficou lívido. Após breves momentos de reflexão, visivelmente comovido, disse-me:

– Poderia ocultar a outrem a gênese da contínua mágoa que me entenebrece o coração e aniquila o organismo – pois vejo que, dia a dia, estou definhando, e, talvez breve, não possa mais me consagrar à nossa pátria – mas, ao meu preclaro amigo, de quem sou apreciador convicto, confessarei a causa da secreta dor que não vos passou despercebida. Haveis de conservar, porém, meu caro amigo, absoluta

⁵ Tipo de mármore encontrado na cidade de Carrara (Itália).

reserva de tudo que vos narrar e desejo que nunca, nos vossos incomparáveis romances, façais a menor referência, em escorço rápido que seja, a esta minha confiança!

– Não duvides da minha completa descrição: *jamais*, em livros meus, farei qualquer alusão ao que me disseres.

– Obrigado! Confio tanto na lealdade do meu digno amigo que, sem o menor receio ou disfarce, vos darei a conhecer todas as páginas da minha vida íntima, como o faria a meu próprio pai, se ainda existisse.

Pronunciadas, que foram, estas últimas palavras, Paulo Devarnier começou a fazer-me o relato minucioso da sua ainda curta mas acidentada existência, interrompendo-o, por vezes, para proferir exclamações que, positivamente, ressumbravam a exaltação do seu espírito.

– Como sou covarde, pusilânime, meu amigo! Deixar-me dominar pelo coração, eu que deveria servir à nossa gloriosa França! Como pode um militar ser denodado, se se deixar escravizar por este insaciável e falaz órgão da emotividade – o coração – que o impele a sonhar e a ter ideias irrealizáveis? Ai! porém, dele! Para puni-lo da sua insana rebeldia, talvez ainda o traspasse com o meu gládio, obrigando-o assim a cessar de me impor os seus anelos e sofrendo, de um só golpe, para sempre, as suas loucas aspirações, pondo termo, enfim, ao inaudito e longo suplício que me tem infligido!

Depois, mais calmo com as palavras de conforto e de esperança que lhe dirigi, começou, sempre sensibilizado, a narração integral da sua existência agitada por lances patéticos, que tentarei reproduzir o mais fielmente que me for possível, depois que ele – desfrutando a serenidade peculiar

aos Espíritos evoluídos – me concedeu o direito de o fazer amplamente, prontificando-se a auxiliar-me no que já me houvesse deslembrado.

– Nasci em Paris, meu amigo, mas minha mãe era natural da Prússia, onde permaneci até aos 15 anos de idade. Meu pai, que era francês e militar como eu, teve ensejo de vê-la, pela primeira vez, numa viagem que fez a Berlim, em casa de um amigo. Amou-a imediatamente e foi correspondido com veemência por minha mãe, que possuía rara formosura e educação primorosa, e, pouco tempo depois de se terem encontrado, desposaram-se, contra a vontade unânime da família da noiva, que não desejava, de modo algum, a aliança de dois seres nascidos em nações diferentes e cujos filhos reciprocamente se detestam.

“Sou unigênito desse casal venturoso, constituído por dois entes que se adoravam infinitamente, esquecidos, ambos, de que haviam nascido sob céus diversos, em ambientes secularmente antagônicos e irreconciliáveis.

“Quantas vezes lamentei não ter tido um irmão – um desses companheiros que a natureza nos dá – que escutasse os meus queixumes, me aconselhasse e compartilhasse do pesar constante que me flagela a alma, desde a segunda infância! Mas, doravante, não o farei jamais porque considero a vida um mal e não o desejara a um ser a quem amasse santamente, como adoro a *alguém* que sofre infinitamente por minha causa, tendo sido impotentes os meus esforços para pôr termo às suas lutas.

“Prossigo, porém, caro amigo, a minha narrativa. Meu genitor morreu como um bravo, como um leão baleado,

defendendo a França; e minha mãe, com o coração dilacerado de dor, só, num país que não era o seu, comigo que apenas saíra da puerícia; sem outro parente mais próximo, por parte do esposo, a não ser um cunhado, jovem militar ainda solteiro, transferiu residência para Berlim e lá começou o nosso longo martírio moral. Se soubesse que essa resolução suprema que tomou seria a origem de tantos dissabores para mim, ela se teria deixado morrer na França – berço do marido e do filho adorados!

“Compreendo-a, porém, agora, que me sinto combatido por inexaurível mágoa, e sei por que tomou a deliberação de procurar seus parentes consanguíneos: nossa alma, quando sofremos atrozmente, não pode exilar-se de todo o convívio social, pois tem ânsia, mais do que nunca, de carinhos, da união com uma outra que a compreenda, que lhe aligere os íntimos tormentos, e, nesse período angustioso, alia-se à primeira pessoa que se lhe depare, que lhe estenda a mão generosa. Assim, certamente, pensou minha pobre mãe ao buscar as paragens tudescas, onde esperava encontrar o achego da família e o perdão paterno, mas dessa vez, como sucede quase sempre, o coração ferido a ludibriou e, em vez de ternuras, só encontrou asperezas e decepções.

“Fomos, chegados a Berlim, residir em companhia de meu avô materno, já viúvo. Austero ancião que me infundia temor e respeito, que me não acariciava nunca e era, às vezes, severo em demasia com o pequenino neto, que, para ele, patriota extremado como todo prussiano sabe sê-lo, tinha o imperdoável defeito de ser... francês!

“Minha mãe – inconsolável sempre, devido à irreparável perda que sofrera – jamais pôde achar lenitivo ao seu indômito pesar. Passava os dias refratária à sociedade, reclusa no seu quarto, sempre triste, tendo apenas, para lhe minorar as penosas reminiscências do esposo, a minha presença. Abraçando-me ternamente e cobrindo-me a fronte de beijos todas as vezes que dela me aproximasse, e somente sabia sorrir quando eu lhe retribuía as demonstrações de maternal blandícia.

“Como deveis supor, eu, ainda em tenra idade, compreendia, em parte, a nossa situação de dependência num *ménage*⁶ que não era o nosso. Meu avô – rigoroso e inflexível – não consentira voluntariamente no consórcio da sua única filha e ainda lhe não havia perdoado a rebeldia contra a sua autoridade, ao vê-la regressar de um país que lhe inspirava aversão, viúva, e com um filhinho para ele criar e educar. Longe de comovê-lo, a desventura de minha mãe lhe exacerbou antigos ressentimentos. Fez-lhe recriminações e daí provinham as suas contrariedades e mau humor contra o travesso Paulo – o neto estrangeiro, o fruto de um himeneu que não abençoara.

“As crianças, porém, possuem uma intuição admirável, mais celeste do que humana (se é que temos, realmente, como dizem os teólogos, uma alma imperecível, de gênese divina); compreendem, de relance, tudo que se relaciona com a sua vida, sem que seja mister se lhes esclareça a sua situação social.

⁶ Lar, casa.

“Compungia-me, íntima e inexplicavelmente, contemplar minha mãe sempre com os olhos nublados de lágrimas, saber que sofria constrangimentos e humilhações, observar que ia perdendo, pouco a pouco, a sua ideal beleza plástica, que eu admirava com o enlevo de um crente fervoroso fitando a efígie de um ser divinizado, primorosamente modelado por egrégio artista. Mas, com o vibrátil coração propenso às folias da meninice, sentia-me constrangido com a sua infinda melancolia e, sempre que me era possível, eclipsava-me da sua presença, para folgar na companhia de três priminhos – filhos do único irmão daquela que me concebera – os quais não deixavam de ir diariamente à residência de nosso avô, não só para o alegrarem, como para serem afagados. Ele, tão ríspido para comigo, sabia sorrir, tornar-se jovial, fazendo-me compreender categoricamente a diferença que havia entre nós: eu, francês, órfão e intruso; eles, os prussianos, felizes e adorados.”

CAPÍTULO II

— Não me posso eximir de vos descrever a impressão que senti quando, pela primeira vez, deparei com os meus primos. Parece-me que ainda os vejo, ao chegar a Berlim. Os mais idosos, Carlos e Mateus, gêmeos, contavam já cerca de três lustros; eram vigorosos, impulsivos, tinham modos bruscos e despóticos, tez morena sempre purpurina, olhos glaucos, traindo violência de instintos pouco nobres; penetração, fereza e sagacidade como os dos falcões. Senti repulsão instintiva por ambos, compreendi que possuíamos temperamentos antagônicos, ao passo que experimentei uma sensação de ternura e encantamento ao conhecer-lhes a irmãzinha, uma graciosa menina de sete anos, de cabelos áureos e encaracolados, de olhos cerúleos, profundamente merencórios, enfim, semelhante, no físico gentil, a um querubim proscrito do Paraíso e ainda lembrado e nostálgico de sua divina e longínqua pátria.

“Hoje posso afirmar que sua alma de açucena está de acordo com a sua cândida e angélica formosura. A natureza, meu amigo, que a muitos parece inconsciente e a outros agir de conformidade com uma potência que desconheço e não

desejo perquirir, não se engana (é-me forçoso, entretanto, dizer) quase nunca em suas obras, mormente quanto às criaturas humanas; a plástica é sempre a revelação do que é a alma nela enclausurada, do que são os sentimentos e, por isso, os frenologistas podem, com dados positivos, descrever as tendências de um indivíduo pelos traços fisionômicos ou pelas características de seu organismo.

“Não me iludi quanto aos sentimentos de meus primos, e o tempo me denunciou e confirmou o que, em idade infantil, imaginei a respeito de todos eles. Carlos e Mateus – que contavam o dobro de minha idade e da de sua irmã – eram, quase sempre, impiedosos comigo; só desejavam pôr em destaque a sua força muscular e, às vezes, me chamavam com escárnio e petulância, o que me revoltava até a derradeira fibra do coração, para que lutássemos a fim de ser eu vencido e eles terem ensejo de me dizer:

– És *francês* e por isso não te podes comparar a nós outros, alemães invencíveis!

– Se eu não fosse pequeno, venceria os dois juntos! – respondia-lhes com a face acerejada de ódio, expressando-me ainda imperfeitamente num idioma que não era o meu, o que aumentava a hilaridade e a zombaria de ambos.

“Raramente podíamos folgar em completa harmonia: quase sempre me causavam descontentamento e, então, indignado e indefeso, corria, rosto orvalhado de lágrimas, para perto de minha mãe, que me abraçava em silêncio, ternamente. Naqueles instantes penosos – vítima que era do absolutismo dos parentes, que patenteavam o que seriam mais tarde para mim – ela confundia seus prantos com os

do mísero infante que, muito cedo, perdera o mais dedicado protetor, arrebatado pela morte inclemente!

“Aparecia, então, à porta da câmara, empurrada violentamente, meu avô, trôpego no andar. Com voz turbada pela cólera, censurava injustamente à desventurada filha:

– É assim, Amélia, que o estás educando? *Ele*, tenho certeza, há de crescer mal orientado, com tendências para o que é nocivo e se tornará um homem sem nenhuma qualidade moral apreciável, inútil à sociedade. Por que é que não gosta dos primos? Insulta-os, sem razão alguma e, em vez de o punires, ainda lhe dás estímulo para continuar a proceder incorretamente. Hás de ver, em breve, o *bom* resultado dos teus mimos.

“Minha mãe guardava silêncio, agoniada.

“Meus adversários – assim posso chamá-los, sem faltar à verdade – motejavam da nossa dor tácita e inexprimível, e, então, destacava-se dentre eles, como o arcanjo da paz, a meiga, formosa e cândida priminha (à qual darei o nome de Elisabet ou o diminutivo familiar – Bet) e ia consolar-me e oscular a minha genitora. Outras vezes, assim me via resignado, acenava-me de longe, docemente, suavemente, com as suas minúsculas e róseas mãos que, naqueles instantes, pareciam o adejo de duas asinhas nacaradas de algum pássaro quimérico, foragido de um Eldorado, chamando-me aos nossos entretenimentos favoritos. Contemplando-nos, ao lado um do outro, aquela que me deu o ser disse, reiteradas vezes:

– Como são belos e parecidos, Deus meu! Assemelham-se tanto um ao outro como se fossem gêmeos. Ninguém poderá negar que o sangue os vincula fortemente e quem

sabe se o destino também? No entanto, presumo que só eu noto a analogia física com que o eterno os dotou, porque o orgulho de nossos parentes os separa, dando a um supremacia sobre o outro. Que é o que os aguarda no futuro, ó meu Deus?”.

Paulo Devarnier fez uma pausa, um parêntese na sua narração, dizendo:

– Meu amigo, hoje, refletindo placidamente nos incidentes deploráveis ocorridos em minha puerícia, opino que a infância, tanto quanto a mocidade, a virilidade e a decrepitude, merece um estudo consciencioso dos psicólogos. A criança é, quase sempre, o retrato apenas esboçado, com tintas fortes e indeléveis, do que vai ser na juventude, ou no decorrer da existência; os sentimentos estão ainda em plena expansão – como as lavas a irromper de uma cratera quando o vulcão se acha num período eruptivo.

“Manifestam-se, por isso, com uma espontaneidade e impetuosidade que, mais tarde, não podem ser apreciadas sob o mesmo aspecto, porque a educação e as conveniências sociais os torturam, restringem, deixando-os – desculpai-me a comparação vulgaríssima – como esses títeres que, de proporção descomunal, parecem pequenos, porque estão comprimidos dentro de um estojo: basta que alguém o abra para que mostrem a estatura gigantesca! Omito, porém, considerações supérfluas, sobre a índole infantil, para não vos entediar, usurpando-vos um tempo precioso, e também para poder prosseguir a minha confissão.

Os primos de que vos falo, Carlos e Mateus Koeler,

sempre foram meus adversários, seja por instinto perverso, seja por incompatibilidade absoluta de temperamento, ou, o que talvez tenha mais base, por ódio implacável de raça, pois nunca se uniram fraternalmente os filhos da heroica França com os da altiva Alemanha. Mas, o que é, para mim, indubitável é que, desde a infância, os nossos sentimentos já se conflagravam, a juventude nunca pôde modificá-los e, por isso, ousou afirmar sem relutância: *jamais, jamais* seremos unidos pelo mais tênue laço de afinidade espiritual ou de afeição recíproca”.



Até transpor as fronteiras do meu país, ignorava eu a existência do amor cívico. Senti-o, pela primeira vez na vida, jorrar do coração, quando fui tratado com sarcasmo pelos parentes, que me humilharam por ser de outra nacionalidade. Ao conchegar-me, choroso, ao regaço de minha mãe, vi-a cerrar a porta do dormitório e ordenar que me prosternasse, com as mãozinhas enclavinhas, como na hora de recolher ao leito. Só então me disse gravemente:

– Vem rogar ao bom Deus, filhinho, para que nos proteja e faça com que *nunca* te lastimes de ser francês e possas, mais tarde, servir à tua pátria, como teu pai, que lhe consagrou a vida até ao extremo alento.

– Mas que é pátria? – murmurei, ingenuamente, antes de encetar a súplica a que ela me convidava, em intenção do morto inolvidável. Deu-me a almejada explicação a meu alcance, concluindo assim:

– A nossa pátria, meu Paulo, deve ser mais venerada do

que a dos outros povos que, muitas vezes, nos detestam e são impiedosos conosco nos tempos calamitosos de guerra.

– E tu, mãezinha, não nasceste no mesmo lugar que o bom papai?

– Não, filhinho, teu pai era francês como tu e nunca te vexes de ter aberto os olhos à luz dum país glorioso como a França, de onde viemos há pouco tempo. Nasci nesta terra em que vivemos agora, que se chama Alemanha, que é a minha pátria e a de teu avô.

– Antes fosses também da França, como o meu papaizinho! Não gosto daqui, nem do vovô... Quando voltaremos para *nossa pátria*, mamãezinha?

Como não obtivesse de minha genitora a desejada resposta, comecei a recitar, em surdina, uma prece que sabia de cor, quedando-me silencioso, depois, para que ela me ensinasse o ofertório. A torturada, porém, nada me podia dizer, porque se achava numa de suas crises angustiosas: soluçava, ajoelhada ao pé do leito, diante de um painel da Mãter Dolorosa, que pertencera ao esposo adorado. É que eu, caro amigo, candidamente, proferira verdades que, por certo, eram o constante tormento de sua alma impressionável e sentimental. Compreendi desde aqueles instantes, lucidamente, por que meus primos se dirigiam com arrogância e desdém ao pequenino Paulo e por que nosso avô os acariciava até com o olhar que, para o mísero francesinho, tinha um rigor inexorável: nascêramos em nações diferentes, que não eram amigas!

Assim que terminei a oração, pus-me a meditar, pela

primeira vez, no que exprime este vocábulo – *pátria* – para que me ficasse indelevelmente gravado na retentiva. Súbito, ouvi bater brandamente à porta. Descerrando-a, deparei com Elisabet – o anjo tutelar de nossa família, aquele que terminava todos os conflitos domésticos com um ósculo de paz na fronte dos contendores, que não ousavam profanar a pureza de suas intenções e se apressavam em firmar o armistício que ela desejasse. Tratei de fazê-la entrar e sentar-se a meu lado.

Perto de Elisabet, sentia-me enlevado.

Não me era possível esquecer que, afora minha mãe, só ela me ameigava e defendia com seus róseos e minúsculos braços contra algum ato de violência dos irmãos, que não podiam transgredir-lhe a vontade, como Lúcifer, certamente, fica tolhido e manietado à voz potente de um querubim, quando lhe arrebatava a presa imbele, custodiando-a sob suas asas de neve e luz, longamente espalmadas.

Assim pensei, por muito tempo, ao rememorar o prestígio de Bet, quando criança, sobre os meus primos. Hoje, porém, caro amigo, que sou um cético das coisas transcendentais, posso asseverar-vos que, na vida real, se dá agora o inverso do que afirma a Teologia: é o arcanjo que está sob o domínio de dois cruéis satãs! Sarcasmo acerbo do destino, que me tem arrancado aos olhos muitas lágrimas!

Reato, porém, o fio da narrativa: no dia a que me refiro, Elisabet entabulou comigo um inocente diálogo, e, como se houvera escutado o que eu e sua tia conversávamos antes da sua chegada, solicitou-me que lhe falasse de *lá*, da minha terra, com uma curiosidade já feminina. Ouvindo-nos,

minha mãe, a mártir ignorada, conseguiu sorrir.

Já não dormita senão vaga reminiscência em minha mente de tudo que confabulamos naquela hora, mas presumo que fosse o seguinte, mais ou menos:

– Há lá flores como aqui, chove, há estrelas... mas tudo é mais belo do que em tua *pátria*, Bet.

– É? Tenho vontade de conhecer a França, Paulo!

– Levar-te-ei para a minha terra, quando crescermos. Queres?

– Quero sim! O que não sei é se o meu paizinho consentirá que eu vá. Prometes trazer-me depois, Paulo?

– Sim – respondi-lhe apreensivo, mentindo provavelmente pela primeira vez, pois pensava justamente o contrário do que dissera na minha frouxa afirmativa: era meu maior anelo arrebatá-la para a França e jamais deixá-la regressar às plagas abominadas do nosso avô e dos seus irmãos.

Ai! o coração infantil é maravilhosamente pressago: sem ter verdadeiramente consciência do que falara, na completa irresponsabilidade da infância, acabava de formular um desejo que, decorridos tantos anos, é ainda o meu maior, o meu único ideal. É que eu não desconhecia a embaraçosa situação minha e daquela a quem devo a vida, em casa de nossos parentes; compreendia a animosidade de todos eles contra nós e, conseguintemente, estava ávido por nos libertar da humilhante posição em que nos achávamos, num lar alheio, o que conseguiríamos se fôssemos com a graciosa Elisabet para o meu país. Esse pensamento foi constante na minha meninice, fazendo-me devanear, horas a fio, sobre o modo de raptar a priminha – qual se fora uma princesi-

nha dos contos de fada –, pois era essa a única solução que encontrava para que visse finalizados os nossos dissabores, fantasiando a suprema dita de ficarmos tranquilos em longínquo território, que não saxônio.

Vede, meu amigo, o que elaborava o meu cérebro numa idade em que as outras crianças planejam apenas travessuras e folguedos. Desde aquela época, já uma dor inominável e latente me ciliciava o coração – o germe da mesma que, hoje, mo suplicia: imaginar que eu e Elisabet teríamos de viver apartados por todo o sempre! E então, como agora, já preferia sofrer as maiores tribulações, em Berlim, a habitar a mais deliciosa e paradisíaca região deste globo, longe dela.

Passaram-se dois anos após a cena que vos descrevi em síntese. Comecei a frequentar as aulas do mesmo colégio em que se achava matriculada a mimosa Bet – o que excitou, contra mim, a mordacidade de meus primos, que cursavam um ginásio e já tinham iniciado o tirocínio militar. Esse tempo, no entanto, o do início de meus estudos, foi o período áureo, a era florida de minha existência.

Passar pela vivenda da encantadora Elisabet, vê-la aguardando minha chegada com sofreguidão, tomar-lhe, pressuroso, a pasta em que acondicionava os livros e a merenda; partirmos, lado a lado, em demanda do colégio, ver deslizar uma fração do dia juntos um do outro, aprendendo, muitas vezes, no mesmo compêndio, a mesma lição; deliciar-nos, nas horas de lazer, em magnífico parque, longe de meus primos e de nosso avô: era estar prisioneiro do Olimpo algumas horas. Diariamente me sentia mais ditoso

do que se estivesse convivendo com os deuses.

Podeis compreender, pois, qual o pesar que de mim se apoderava ao ter de conduzir a gentil coleguinha ao lar paterno e voltar só para o de nosso avô, que, no entanto, assim comecei a frequentar as aulas do estabelecimento de ensino em que ele me matriculara, se tornou para comigo menos rigoroso.

Por quê? Um dia em que o austero ancião me osculou a fronte pela primeira vez, interroguei à minha mãe a causa da transformação operada no seu genitor e ela me respondeu em segredo:

– É que, meu Paulo, já vais esquecendo a tua língua pátria e aprendendo a dele; por isso, está contente, pois pretende que, mais tarde, sejas naturalizado alemão.

– Que é ser naturalizado, minha mãe?

– É renegar a terra em que nascemos, que o Criador nos concedeu, para servir à de outrem. É...

Não a deixei findar a frase, apenas encetada: tudo compreendi rapidamente e um vivo clarão de florestas em chamas perpassou por meu cérebro, um relâmpago de dor e indignação mo incandesceu intensamente e, naqueles segundos, se me fosse possível, teria deixado, para sempre, as regiões tudescas, em companhia de minha mãe, a quem disse, no auge da exaltação:

– Consentes, minha mãe, que meu avô me force a cometer um ato indigno? Vou dizer-lhe que *nunca e nunca* deixarei de ser francês como o meu querido pai! Não quero ser prussiano, minha mãe! Tenho aversão à terra de vovô.

– E à de Elisabet? – redarguiu ela a sorrir, intencional-

mente.

Logo modifiquei meu pensamento:

– *Ela* sairá daqui... e irá conosco para a França, quando eu crescer...

– Se puderes conseguir o teu intento sem uma luta tenaz em que, talvez, sejas vencido, meu pobre Paulo! – disse, profeticamente, aquela que me deu o ser, com inexprimível melancolia, prevendo, então, tudo o que me sucederia no porvir, por uma faculdade infusa que só têm as mães extremosas ou as pitonisas verdadeiramente inspiradas pelos numes. Beijou-me depois na face e, temendo que outrem a ouvisse, afora o filho amado, cerrou a porta do aposento em que nos achávamos e declarou, com a voz muito velada:

– Continuarás, meu Paulo, a aprender o vernáculo, para que meu pai, a quem muito considero e não desejo desgostar mais, não se agaste conosco, porém, comprometo-me a te ensinar às ocultas a língua francesa, para que não venhas a esquecê-la. Não digas coisa alguma a quem quer que seja. Todos suporão que te estou orientando nas matérias em que terás de ser arguido no exame, mas, de fato, só te ensinarei o idioma de teus patrícios.

Confiar segredo a uma criança!

Sabei, meu amigo, que uma criança muitas vezes o guarda melhor do que um adulto: porque ainda não sabe trair a confiança de que foi alvo, ou pelo receio de ser punida.

Foi assim que, em divergência constante com os parentes, por causa da animadversão que nutrem contra os meus compatriícios, atingi os meus 14 anos de idade.

Ao começar o desenvolvimento do meu intelecto e

do meu físico, e mormente depois que, cursando meus primos uma escola militar, entrei a fazer progresso nos meus estudos, revelando inclinação apreciável para as ciências exatas – conforme o parecer dos professores –, meu avô se transformou de todo para comigo: afagava-me, adorava-me e enaltecia mais os meus predicados mentais do que os dos dois outros netos, satisfazendo, com alegria, todos os meus desejos.

Abafara o orgulho prussiano, mas para facilitar a execução de um plano altamente cívico: a conquista, pelos elos afetivos, do coração rebel mas sugestionável do pequeno forasteiro francês, que a todos já parecia estar eternamente agrilhado à terra dos famosos saxões.

Vivi, por algum tempo, sob as asas de um sonho verdadeiramente edênico, do qual não desejaria despertar jamais, se assim o permitisse a minha estrela. Teve, porém, efêmera duração o meu ilusório triunfo; o firmamento de minha existência que então se apresentava sereno, encantadoramente opalino, turvou-se bruscamente, encastelou-se de negrejantes cúmulos e expediu coriscos que, como víboras de fogo, me alvejaram o coração, crestando-o para todo o sempre, carbonizando nele todos os anelos, todas as promissoras esperanças.

CAPÍTULO III

Compleudara, com destaque, o curso preliminar e fora matriculado num estabelecimento de ensino secundário. Meu avô se mostrava afável e magnânimo comigo, exaltando os meus predicados intelectuais perante os amigos e parentes, e essa violenta transição numa criatura de caráter sóbrio, qual o seu, pouco propenso às expansões ruidosas de sentimentos íntimos, fez-me ficar apreensivo, cogitando que ele houvesse concebido algum projeto enigmático a meu respeito. Não pude deixar de expender, com lealdade, esses receios à minha mãe, que, no último período de uma afecção cardíaca, vivia reclusa no seu quarto, mais silenciosa, amofinada e pálida do que nunca.

Encontrei-a reclinada numa *chaise longue*, sentei-me a seu lado e lhe expus os meus temores. A princípio me pareceu que não estava atentando no que lhe dizia; depois, fez-me erguer e tirar da lâmpada, já acesa, o abajur; ordenou que me sentasse, em frente à sua cadeira, esteve a fitar-me longamente, penetrando com o olhar até o ádito de minh'alma, e só então principiou a falar, pesadamente, procurando dominar uma emoção que a tornava quase lívida:

– Meu filho, a mudança, que notaste em teu avô e que me não passou despercebida, provém de que ele deseja que, findos os teus preparatórios, comeces a aprendizagem militar na mesma escola em que teus primos estão a concluir os seus estudos, mas que sejas matriculado como seu pupilo e prussiano. Para isso conseguir, vai, por meios brandos e carinhosos, granjeando o teu coração, a fim de que te não oponhas aos seus projetos.

“Bem sei que isso te contraria, tanto quanto me está mortificando, há muito. Já compreendes que a terra onde nascemos, seja qual for, não deve ser renegada jamais e mormente por ti, meu Paulo, filho de um soldado nobilíssimo, de um guerreiro insigne, qual foi teu genitor, que imolou a existência no altar sacrossanto da pátria querida! Como hás de repudiar o teu berço natal, esquecer que o foi também de um ente a quem devemos venerar em vida, e, mais ainda, depois que nos aguarda no Além – teu pai? Que o céu me perdoe o ter de contrariar as ideias do meu, para defender os direitos invioláveis do filho e do esposo idolatrados.

“Em que penosa emergência me encontro, ó meu Deus! Vejo, de um lado, meu pai já idoso, enfermo, sem resistência para sofrer um grande abalo moral; de outro, o filho dileto ameaçado de ser espoliado de sua terra natal! Tu, o unigênito de um heroico soldado francês, que, certamente, amaldiçoará a tua conduta ou a covarde submissão, se acederes aos rogos de teu avô. Temo, sobretudo, compartilhar da incriminação do morto adorado, com quem hei de estar a curto prazo, por não ter sabido conjurar o perigo ora iminente sobre a tua frente. Sofreria, insanamente, só com